



A cosmologia das práticas curativas: fazendo extensão com pessoas, cultura e natureza

Milena Silvester Quadros: Agroecologia - Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS); milena.quadros@restinga.ifrs.edu.br
Estudante do Ensino Médio do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS): Vanessa Guedes

Introdução

O projeto “A Cosmologia das Práticas Curativas” procura recuperar saberes tradicionais e populares através das memórias sobre os usos das plantas curativas na região de Porto Alegre, RS. Seu surgimento tem como uma das razões o curso de Agroecologia¹ oferecido aos estudantes do

PROEJA no IFRS - Câmpus Restinga, contando com a participação dos estudantes e da comunidade. Dessa forma pretendemos reconstruir memórias a partir das relações tecidas entre as pessoas, a cultura e a natureza, visando à valorização de saberes que têm sido desvalorizados pela autoridade da ciência e da indústria médicas.

O projeto foi financiado pelo Edital de Ações de Extensão do Instituto Federal do Rio Grande do

1. O curso tem como propósito desenvolver um estilo de agricultura mais sustentável, respeitando a natureza.

Sul e teve início em 2019, ano em que diversas ações foram desenvolvidas. Em 2020, fomos interpelados pela pandemia, sendo necessária a adaptação para um formato remoto com alguns encontros ocasionais que seguiram todos os protocolos sanitários exigidos.

Pensando historicamente o tema das ervas curativas, seus usos para fins medicinais está relacionado com as populações nativas. Estes conhecimentos eram transmitidos através da figura das rezadoras, raizeiras, do pajé, de geração para geração. Com a conquista pelos portugueses e com a diáspora africana, foram-se agregando novos saberes que resultaram na medicina popular e tradicional que conhecemos hoje. Além disso, há também uma utilização para meios religiosos, principalmente em religiões de matrizes africanas. Com a industrialização e o consequente aumento das áreas urbanas, houve uma diminuição desses saberes. O domínio da ciência como verdade absoluta, paulatinamente, fizeram com que essas sabedorias populares e tradicionais fossem consideradas charlatanismo.

Contextualizando o uso das plantas no Brasil

O uso de plantas para o tratamento de patologias é um conhecimento milenar que remonta desde as civilizações mais antigas como o Egito antigo. No Brasil, essa sabedoria está extremamente ligada aos povos nativos. Seus usos variam de acordo com os grupos e tribos, mas em geral se utilizam folhas, raízes, caules, entre outras plantas para criação de infusões, chás, cataplasmas, inalações, entre outros. Esses conhecimentos não recebiam registros escritos, entretanto, eram transmitidos de geração em geração pela figura do pajé, das rezadeiras, das raizeiras entre outros agenciadores da saúde do corpo e do espírito.

Segundo a “Cartilha plantas medicinais nativas de uso popular no Rio grande do Sul” realizada pela Universidade Federal de Santa Maria, 2019:

[...] Planta medicinal é definida como uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos, sendo denominada planta fresca, quando coletada no momento do uso, e planta seca, quando submetida à secagem, a qual também chamamos de droga vegetal. (pág. 4)

Como os indígenas repassavam seu conhecimento de forma oral, os registros dessas práticas curativas somente começaram a ser feitos com a chegada dos portugueses a partir do século XV. No princípio, os europeus agregaram seus conhecimentos sobre medicina, havendo uma certa fusão dos saberes dos povos que passaram a habitar a América e os povos nativos. Com a diáspora africana agregaram-se outros saberes, resultando na medicina popular e tradicional que conhecemos hoje. (Cunha, 2008)

Hoje, a Etnobotânica, a Fitoterapia, entre outras, são áreas da ciência que sistematizam o conhecimento e os usos de produtos de origem vegetal para tratamento com fins medicinais. São feitas pesquisas e catalogações para garantir a eficácia e segurança do uso dessas plantas medicinais. (Cartilha plantas medicinais nativas de uso popular no Rio grande do Sul, 2019).

Além disso, ainda existem muitas pessoas que utilizam esses conhecimentos tradicionais, como pessoas mais velhas, comunidades indígenas e quilombolas, além da população do meio rural e com baixa renda. Em 2006, o governo federal, através do Decreto nº 5.813, regulamenta a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, com o intuito de garantir à população o acesso seguro às plantas medicinais e fitoterápicos e um uso adequado das mesmas.

As mulheres e os usos das ervas nas religiões de matriz africana

As sabedorias dos povos africanos que foram escravizados e trazidos ao Brasil pelo tráfico de pessoas, influenciou não somente nossa cultura como também os conhecimentos sobre

cura através de plantas. Nas religiões de matriz africana, além do uso de ervas para medicina há também uma importância de cunho religioso, que representa a cura espiritual. Como percebemos, por exemplo, para o benzimento, a decoração de altares², a purificação do corpo e do espírito. Além disso, cada planta é representada por um orixá (divindade). Como a espada de São Jorge, que se associa com Ogum e Jasmim, representando Iemanjá.

Além disso, há práticas nos terreiros de religião e nas comunidades quilombolas que fazem referência à matricentralidade e ancestralidade negra. A matricentralidade está relacionada às mulheres, que são o centro da organização familiar e da comunidade. Apesar de vivermos em uma sociedade patriarcal, as mulheres assumem um importante papel em comunidades periféricas onde as religiões de matriz africana têm maior expressividade. Queremos dizer com isso que as mulheres são importantes determinantes nas comunidades e que participam de redes de auxílio e de ajuda mútua, garantindo o suporte em muitas ocasiões. Já a ancestralidade é o que dá continuidade ao ofício, e está muito ligada ao vínculo familiar e afetivo. Todo o conhecimento que benzedoras, rezadeiras e raizeiras possuem vai sendo transmitido de geração em geração. A ancestralidade é o elo de ligação entre passado e presente, sendo a mulher a conexão destes referentes. Segundo Dias (2018)

[...] As mulheres crescem em meio aos aprendizados das mais velhas e o fazem até que estejam preparadas para tomar seu lugar dentro da estrutura familiar. A partir desse ponto, as mulheres incumbidas do ofício se tornam o veículo de transmissão para as mais novas do ofício.

A perda dos saberes tradicionais

Durante o século XIX, as práticas populares e a

2. Além do uso para decoração, é utilizada como modo de afirmar a presença e a força de determinados Orixás, Caboclos ou Mestres responsáveis pela direção da casa.

ciência andavam lado a lado. Mas com a criação de universidades, ainda no Brasil colônia, essas sabedorias foram sendo marginalizadas pelo Estado. Dom Pedro I estabeleceu regras para combater as práticas populares. Ele extinguiu a fisicatura-mor, órgão que regulariza as artes terapêuticas. Em 1850 foi criada a Junta Central de Higiene Pública para regulamentar e fiscalizar as práticas populares. Essas medidas não eram somente para mostrar à Europa o quanto o Brasil estava avançado, mas também mostrar o status dos usuários de medicina na sociedade. A partir da década de 1870, a perseguição e repressão a essas concepções populares se intensificou (Edler, 1999).

O uso de remédios receitados por médicos além de sanar patologias era uma forma de mostrar status social, afinal naquele período o acesso a medicamentos era algo dispendioso, um luxo destinado aos brancos da elite. Às camadas populares restavam os remédios caseiros, ervas curativas e outras sabedorias orientadas por curandeiros. Apesar da repressão ainda se utilizavam dessas práticas postas ilegalidade.

A igreja católica por pretender ter o domínio sobre as pessoas, pregava que os saberes populares eram "obra de satã". Junto a isso rotulou as mulheres como bruxas, agentes de satã, como perigosas, traiçoeiras e responsáveis por tentarem os homens "à perdição". Essa crença era reforçada pelo fato de as mulheres serem ancestralmente as detentoras dos conhecimentos sobre plantas medicinais, algo que era reforçado pela igreja como bruxaria. Durante todo o período colonial, os feiticeiros e curandeiras eram perseguidos pelas justiças do bispo, da Inquisição e do rei, podendo ser presos, açoitados e multados. Isso era provocado pela mentalidade cristã da época que gerava o medo ao demônio e qualquer associação à ele. Apesar disso, os diversos tipos de "feitiçarias" foram praticadas por todas as camadas sociais, inclusive pessoas pertencentes ao clero. (Nogueira, 2004)

Até o início do século XX, com o começo da industrialização em nosso país e a consequente urbanização, cada vez mais o conhecimento popular vai sendo marginalizado pelo contínuo uso de remédios. O fato de a ciência surgir como a legítima representante da verdade sobre a saúde, acentua ainda mais os preconceitos com as práticas e a cultura dos povos ameríndios, dos africanos e dos afrodescendentes. Vale ressaltar que o objetivo deste projeto não é incentivar as pessoas a utilizarem ervas medicinais, ou deslegitimar a ciência. A ciência é fundamental nos avanços da humanidade. Contudo, é igualmente importante fazer a crítica do modo como a ciência também pode subjugar saberes populares. É na direção de resgatar e valorizar esses saberes que este projeto se encaminha.

Metodologia

A primeira parte do projeto foi dedicada à pesquisa bibliográfica sobre tópicos relacionados ao tema. Com base nessa pesquisa, no ano de 2019, foram feitas entrevistas com pessoas que utilizavam as ervas para práticas curativas. Posteriormente, foi estabelecido que seriam realizadas rodas de conversas, durante o período do evento intitulado “Mostra Científica” no IFRS Câmpus Restinga. Foram feitos debates com as turmas de estudantes do curso de Ensino Médio de Jovens e Adultos integrado ao Técnico em Agroecologia³. O intuito foi estabelecer um ambiente de interlocução no qual pudéssemos resgatar as memórias dos usos das plantas. Foram realizadas visitas técnicas a propriedades rurais, e ao quilombo dos Alpes, localizado no município de Porto Alegre. Ainda durante o ano de 2019, houve a criação de um canteiro de ervas medicinais no IFRS Restinga. Esta última atividade teve como objetivo providenciar um ambiente em que fosse

possível trocar conhecimentos sobre as ervas, onde aqueles que tivessem interesse em participar, fossem convidados a trazer uma muda de algum chá para compor o canteiro de ervas medicinais.

No ano de 2020, o mundo foi surpreendido pela pandemia causada pelo vírus Covid-19. Somado à pandemia, tivemos uma condução desastrosa pelo governo federal que colocou a sociedade brasileira em uma crise não somente sanitária, mas igualmente econômica e social. Em virtude da falta de alimentos que atingiu, sobretudo, famílias que vivem nas periferias das grandes cidades, demos continuidade no projeto implantando uma horta agroecológica em uma comunidade contígua ao IFRS. A criação da horta comunitária era uma demanda antiga na comunidade Vida Nova, Restinga, sendo possível sua realização através de financiamento de Edital de Extensão do IFRS específico para ações de combate à crise provocada pela pandemia. Nesta sessão apresentaremos algumas das ações realizadas no âmbito do projeto durante os anos de 2019 e 2020.

Resultados

As pessoas ouvidas são moradoras do bairro Restinga. O bairro teve origem nos programas de remoção de famílias empobrecidas do centro da cidade, seguindo as políticas de higienização social iniciadas no final da década de 1960. Grande parte das famílias removidas para a Restinga eram filhas e filhos de pessoas escravizadas que vieram tentar a vida na capital do estado no êxodo provocado no pós-abolição. A Restinga, portanto, é majoritariamente um bairro afro-brasileiro. Os interlocutores de nosso projeto, além de moradores da Restinga também são estudantes do curso de Agroecologia do IFRS. São pessoas que possuem, ao mesmo tempo, uma ancestralidade afro-brasileira materializada na história do bairro Restinga e o gosto pelas práticas de cultivo. Além disso, todos os 15 entrevistados tinham idade acima de 40 anos.

3. O curso Técnico em Agroecologia integrado ao EJA, foi uma conquista da comunidade da Restinga, bairro da periferia onde o IFRS está sediado. Atende a um público de estudantes trabalhadoras e trabalhadores de baixa renda e residentes na comunidade. O curso visa formar técnicas/os em Agroecologia para atender a crescente demanda nesta área na capital Porto Alegre.

A maior parte dos nossos interlocutores relatou que os conhecimentos sobre o uso de chás, infusões, entre outros, foram obtidos na relação com mulheres: tias, mães, ou avós. Também relataram que tinham a percepção desses saberes estarem se perdendo no tempo. Nas palavras de uma interlocutora: “*minha vó era benzedeira, minha mãe conhecia as ervas como ninguém, eu já conheço um pouco; já a minha filha, pensa se ela sabe alguma coisa?*”. Alguns dos entrevistados disseram que, com o uso de fármacos, deixaram de usar e esqueceram alguns dos usos de plantas que eram realizados antigamente na família. As falas remetem a um uso das plantas que vai além do elemento de cura, mostrando o uso das ervas associado ao cuidado e às relações de afeto entre as pessoas. Este aspecto fica claro na fala de um interlocutor:

“Houve a diminuição desses saberes sim, porque antigamente se utilizava mais os chás caseiros, e usava antes de ir pro hospital, isso aí, fazia o chá e caso não resolvesse aí ia procurar um médico e comprar os remédios. E hoje não, hoje as pessoas vão direto consultar e o médico receita os remédios né, então eu acho que caiu por isso.”(Delma Guedes)

“Eu era do interior né, interior de Bagé. Então a minha mãe que era da Campanha, sempre utilizou muito os chás, o alecrim, que se põem até na comida né? A gente tomava para adquirir forças, por que tudo isso é coisa antiga, eu sou antiga, então a minha mãe pra tu ver né.”(Fani Goulart)

“Sim, tomo chás. Como o Alecrim, para o cérebro, Amora, que ajuda na menopausa. Marcela, quando tenho algum problema de estômago. Chá de malva ou de folha de batata-doce com leite são ótimos para tirar a infecção do dente.”[...] (Simone Vêloso)

“Sim, todo esse passado de gerações vem se perdendo, pois o marketing agressivo das farmácias, faz com que os próprios antigos não se lembrem, que o que eles estão comprando é nada mais nada menos do que as ervas que eles têm em casa.” [...] (Acimar Duarte)

Na sequência, apresentamos algumas informações obtidas durante a saída técnica em pequenas propriedades localizadas na região do extremo sul de Porto Alegre.

Junto com os estudantes do curso de Ensino Médio de Jovens e Adultos integrado ao Técnico em Agroecologia foram feitas visitas às propriedades de pequenos agricultores da região sul de Porto Alegre. O primeiro lugar visitado foi o Sítio Capororoca, onde tivemos como guia a agricultora Silvana. Durante essa visita conhecemos diferentes Plantas Alimentícias Não-convencionais (PANC's) e seus usos. Como exemplo, citamos a bertalha, uma trepadeira que possui uma ação cicatrizante, o que pode auxiliar quem sofre de gastrite, úlcera, problemas no estômago e melhorar a cicatrização de pessoas com diabetes. Além disso, ela é antifúngica, antigamente era muito usada como tratamento para frieira. Ademais, a planta é comestível e pode ser adicionada ao preparo do pão, salada, massas, panquecas. Além de ser muito saborosa, a bertalha possui um excelente valor nutricional.

Ao final do encontro foi feita uma confraternização com um lanche preparado somente com as PANC's do local, sendo possível comer diferentes lanches orgânicos e deliciosos.

Num segundo momento houve o deslocamento à Granja Lia, cujo objetivo foi conhecer mais sobre a produção de orgânicos. Todas as comidas e bebidas ofertadas eram orgânicas, produzidas com produtos da agricultura familiar.

Por último, visitamos à Granja Santo Antônio, que permitiu aos participantes conhecerem e discutirem diferentes tipos de técnicas de repelentes naturais nas plantações, ou seja, sem o uso de pesticidas tóxicos que com o tempo acarretam uma série de doenças, gradativamente. Infelizmente, essa prática é muito utilizada no



Figura 1 – Visita da turma do EJA e Técnico em Agroecologia ao Sítio Capororoca em Porto Alegre/RS
Fonte: IFRS – Câmpus Restinga

agronegócio em prol de ter mais quantidade e não necessariamente qualidade nas lavouras. Algumas dessas práticas de repelente seriam a utilização de lavanda, que repele insetos. O uso de uma caixa de som, com o áudio de um gavião ao redor das nogueiras, repele os bugios que comem as plantações, pois o gavião é seu predador. Um mecanismo natural de repelir um predador sem ter que mal tratá-lo.

O quilombo dos Alpes está localizado no morro da Glória, entre os bairros Cascata e Teresópolis. Essa é uma comunidade formada por cerca de 60 famílias. Sua formação aconteceu no século XVIII quando Maria Edwiges, mulher escravizada no período escravista, foge com seu companheiro da propriedade do fazendeiro que lhe mantinha cativa. Os dois subiram o morro da Glória e se estabeleceram na parte mais alta.

Com o passar do tempo, a comunidade foi crescendo, os antepassados da Edwiges continuaram com a formação e desenvolvimento do quilombo. Atualmente essa comunidade é dirigida pela mestra Janja, descendente de Maria Edwiges.

Em determinados momentos, o quilombo dos Alpes se abre à comunidade externa e permite que os mesmos conheçam mais sobre o local, através dos festejos de sua própria cultura. Esses eventos auxiliam para a manutenção do quilombo. Visitamos a comunidade acompanhadas dos estudantes do curso Técnico em Guia de Turismo do IFRS, Câmpus Restinga. Além de conhecer a história do local, também foi possível saber um pouco mais sobre o uso de plantas medicinais, que está intrinsecamente ligado ao dia a dia da comunidade e das

memórias locais.

A roda de conversa com as turmas de Agroecologia ocorreu no mês de julho de 2020. Começou com a fala da professora Milena Silvester Quadros, que introduziu o assunto. Ela abordou elementos fundamentais para que a conversa tomasse início. Falando da sua história, da relação com plantas medicinais na infância (tansagem e espinheira-santa), e memórias afetivas com sua mãe. Durante a conversa surgiram diversos temas relacionados, tal como o uso crescente dos remédios na nossa sociedade atual. Muitos chamaram à atenção para o número crescente de farmácias, o que está relacionado à lógica capitalista que tomou conta dos cuidados com a saúde do corpo. Falou-se a respeito do uso excessivo de remédios, onde o uso de um remédio leva a outro e assim por diante. Muitos concordam que essa lógica tem ocupado os espaços das práticas populares.

Um dos participantes da roda de conversa trouxe para o debate o fato de que, a maior parte das áreas rurais estão sendo transformadas paulatinamente em zonas de monocultura, levando as pessoas a migrarem para as cidades. Nas cidades, o estilo de vida moderno também induz ao uso dos fármacos. Em uma sociedade na qual a maior parte do tempo é destinada ao trabalho, é mais prático comprar um remédio, diz o nosso interlocutor. A sociedade capitalista da qual fazemos parte, impele à necessidade de maior produtividade sem perda de tempo, logo, quanto mais rápido a cura chegar, mais vantagem para o sistema produtor, pois o trabalhador estará apto ao trabalho em menor tempo. O aceleramento do tempo de tratamento de doenças chegou a um nível tão espantoso hoje em dia, que a própria prática de ir a um médico é deixada de lado. Muitas pessoas acabam indo diretamente às farmácias em busca de remédios. O autodiagnóstico e a automedicação com fármacos fazem parte da rotina das pessoas atualmente.

Além do que foi discutido acima, durante o diálogo foram lembrados os modos de utilização das ervas bem como suas formas de identificação. As falas remeteram a um certo consenso de que a maioria delas/deles aprendeu o que sabia das diferentes figuras femininas que estiveram presentes nas suas vidas.

“Então, o que eu procuro fazer, antes de mais nada, antes de ir ao médico, eu vou até a natureza, antes disso também eu vou aos meus antepassados, meu avós, minha mãe, meus tios e começo a conversar com eles, olha para o que é bom determinado chá, aí eles vão dizer, isso é bom para tal coisa, então eu vou usando essas experiências que eles vão me passando e o mais interessante disso é que eu vou me beneficiando disso também e vai fazendo efeito. Então muitas coisas na minha vida hoje que eu aprendi e que eu conheço tem tudo haver com uma relação com os meus pais, com os meus avós, os meus tios, os meus vizinhos. E uma coisa que me marcaram na infância, é que quando nós íamos fazer a colheita da marcela. Quando chegamos na sexta feira Santa nós acordávamos três e meia, quatro horas da manhã, com todas aquelas pessoas nós subíamos o morro, então quando nós chegávamos lá, nós colhíamos nos primeiros horários da manhã a marcela. Porque eles acreditavam que com o sereno, o orvalho da madrugada as propriedades dela se tornariam mais fortes, aumentava o poder curativo e também o alho. Eles usavam muito alho para combater infecções, gripes, até mesmo friagem. [...]” (Gilberto Lopes)

Por último vale salientar o que foi discutido em relação às religiões de matriz africana. Seja quimbanda, umbanda, entre outras, cada uma tem um uso para as ervas. Em específico a aluna Jussara relatou que na Umbanda, religião da qual faz parte, utiliza as ervas por causa do Amaci⁴, que tem a finalidade de preparar o médium para receber as energias vibrantes do terreiro; além de proporcionar uma limpeza de sua aura; como também confirmar as entidades

4. Iniciação dos filhos da casa para entrarem no mundo dos trabalhos da Umbanda. Ou seja, é um ritual destinado aos filhos que já trabalham na corrente mediúnica há um tempo.

e orixás que o acompanham. O ritual consiste em um banho de ervas específicas que serão determinadas de acordo com cada médium iniciante.

[..]” Pretos Velhos que eram escravos, receitavam os chás de acordo com o filho. Ele não precisa falar o que sente. E não te cobra nada, porque o que a natureza dá para ele, ele te devolve de graça. Aprendizado pra gente e para a entidade que está do lado também.” (Jussara)

roda de conversa com a turma da Agroecologia. Uma informação interessante trazida pelos participantes é o relato de que muitas vezes podem não saber o nome de determinada erva, contudo muitos guardam uma memória visual da planta. Isto é, embora não guardem o registro do nome, sabem identificar e para quais patologias esta planta pode auxiliar.



Figura 2 – Roda de conversa sobre as plantas medicinais com as turmas de Agroecologia

Fonte: IFRS – Câmpus Restinga

Outra oficina ocorreu durante a “IX Mostra Científica do Câmpus Restinga”, cujo tema foi “Bioeconomia: Diversidade e Riqueza para o Desenvolvimento Sustentável”. Essa prática ocorreu no dia 22 de outubro, no período da noite. Semanas antes do evento foi realizada a divulgação em salas de aula para os alunos do período da noite e fixação de cartazes nos murais dos corredores principais. A oficina era aberta a todos e todas que tivessem interesse em trocar saberes sobre ervas medicinais. Foi solicitado que, quem pudesse, trouxesse uma muda de planta medicinal, ajudando assim a compor a construção de um canteiro de ervas medicinais.

Ao longo da discussão surgiram opiniões e debates extremamente semelhantes ao que foi abordado durante o encontro, através de uma

Os participantes levaram consigo ervas medicinais com as quais demos início ao canteiro de ervas medicinais no IFRS, Câmpus Restinga. Cada um falou dos usos populares conhecidos para cada planta, por ordem do nome da planta e seus usos, apresentamos algumas delas: Espada de São Jorge: místico, religião, diminui insetos em ambientes, ou hortas, como proteção; Babosa: ela pode ser ingerida, pode ser aplicada na pele, e no cabelo; Arruda fêmea: usada na forma de chá, banho, ou simpatia, ajuda nas cólicas menstruais, usos para fé; Tomate: propriedades capilares; Bergamota: propriedades calmantes, e o da casca acalma o estômago, auxiliar a digestão e alivia o estresse; Alecrim: tempero para comida ou chá, que é bom para ansiedade, coração, depressão, ansiolítico, repelente natural; Penicilina: antiviral e analgésica; Boldo Chileno: usado



Figura 3 – Plantio no canteiro de ervas medicinais durante a oficina da “IX Mostra Científica do Câmpus Restinga”

Fonte: IFRS – Câmpus Restinga

para disfunções do estômago; Funcho: trata as cólicas do bebê causada pelos gases. O encerramento da oficina deu-se com a ida até a horta para plantio das plantas trazidas pelos próprios participantes, no canteiro de ervas medicinais.

Com a interrupção das aulas presenciais, a continuidade do projeto no ano de 2020, ocorreu na comunidade Vida Nova. A implementação da horta permitiu o cultivo de um canteiro de ervas medicinais neste local. O projeto foi financiado por Edital específico do IFRS que permitiu o pagamento de bolsa de extensão a mulheres moradoras da comunidade. Ao todo, oito mulheres fizeram parte da rede, das quais seis são estudantes do curso Técnico em Agroecologia do IFRS. São mulheres que foram fortemente afetadas pela crise socioeconômica provocada pela pandemia. Foi realizada uma escala de atividades no local, de modo a não provocarmos aglomerações e riscos de contaminação pelo Covid-19. Uma vez por semana, ocorreram encontros ao ar livre (sede da Associação Vida Nova). Estes encontros foram dedicados a pensarmos a importância do trabalho coletivo

neste contexto de pandemia, além da importância do resgate de saberes populares sobre usos das ervas medicinais. Nos encontros surgiram temas atuais, tal como a indicação inadequada (e mesmo criminosa) de medicamentos ineficazes no combate à pandemia. Aproveitando o ensejo, debatemos a respeito da ética que alicerça a organização das sociedades. Muitas apresentaram o uso de plantas curativas dentro de uma ética do cuidado que demanda responsabilidade e zelo pelo próximo. Ao contrário do que tem sido promovido pela política brasileira no contexto da pandemia, em conluio com uma indústria farmacêutica irresponsável, as atividades com as plantas na horta comunitária da Vida Nova, acende uma necessidade de resgate de outras éticas, mais solidárias e pactuadas com o sentido da vida e do bem viver.

Considerações Finais

Durante a vigência do projeto nos anos de 2019 e 2020 foi possível concluir alguns dos objetivos propostos. As informações advindas da interlocução com as pessoas de diferentes

comunidades (da Restinga e Quilombo dos Alpes), a revisão bibliográfica sobre o uso de plantas medicinais para práticas curativas, e seus usos em religiões de matriz africana foram algumas das ações concluídas. Houve saídas de campo para propriedades agroecológicas e comunidade quilombola, além da realização de rodas de conversa com o curso de Agroecologia para fazer uma troca de conhecimentos entre os presentes. Realização do canteiro de chás com a presença dos participantes da oficina “Memórias e afetos dos chás”, e a partir disso foi feita a catalogação das plantas existentes no canteiro de chás para a realização de placas para sinalização. Ao fim do projeto, apresentamos nas mostras científicas realizadas em outros Institutos Federais do Rio Grande do Sul como a 4º MEPEX no Campus Alvorada, no 4º Salão de Ensino Pesquisa e Extensão, e no Câmpus Bento Gonçalves, na EMPEX no Câmpus Canoas. E o projeto recebeu destaque na IX Mostra Científica do Câmpus Restinga. O projeto abriu um caminho para darmos sequência a ações que visem recuperar memórias dispersas que atualizam saberes ancestrais ainda hoje agenciados cotidianamente no contexto da comunidade e das famílias.

O projeto visou recuperar estes conhecimentos e, ao mesmo tempo, valorizar os referentes da cultura dos próprios estudantes do IFRS moradores da Restinga, de modo que estes

referentes participassem do processo de ensino e aprendizagem. O projeto deu ensejo, ainda, a possibilidade de que ações de extensão provocassem a interconexão de conhecimentos entre o IFRS e o bairro da Restinga e as comunidades tradicionais.

Por fim, é importante pontuar que setenta por cento dos estudantes dos cursos de PROEJA (como o Técnico em Agroecologia) do IFRS, Câmpus Restinga, são mulheres. As narrativas destas mulheres, moradoras da Restinga, nos mostraram que a manipulação de ervas e chás é uma atividade que historicamente compõe o universo das experiências de mulheres no cuidado com os filhos e com a família. Nessa linha de pensamento, o resgate de saberes através da memória popular dos usos das plantas nos levou a conhecer alguns referentes que compõe as sensibilidades e os pontos de vista de mulheres na construção do mundo. ◀

Referências

ALMEIDA, Iveti. **O benefício das plantas medicinais na utilização pelos professores em uma escola pública.** Londrina. v.1, 1-17,2015.

DIAS, M; SILVA, J. Dinâmicas psicoeducativas do benzimento: uma construção comunitária. **Revista eletrônica da FEATI, v. 1, n.17,** jul-dez, 2018, Paraná.

KORCZOVEI, Silvia; ROMAGNOLO, Mariza. Plantas Medicinais: valorização e preservação do conhecimento popular associado ao conhecimento científico. **Manborê. v.1, 1-19,**2013/2014.

VIANA, Antonio. **As utilizações de ervas nas religiões afro-brasileiras nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.** Niterói 2017.

RICARDO, Leticia. **Uso de PLANTAS MEDICINAIS: o Sistema Único de Saúde e a autonomia dos saberes comuns.** Rio de Janeiro. 2009.